

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO**

**1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**LÍNGUAS, SIGNIFICAÇÃO E SENTIDO: UMA QUESTÃO DE ACONTECIMENTO.**

André Stefferson M. Stahlhauer  
[andrestefferson@yahoo.com.br](mailto:andrestefferson@yahoo.com.br)

Mestrando  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Neste trabalho, fazemos uma discussão sobre a construção da significação na linguagem pontuando como se dá este processo quando tratamos de relação entre línguas. Tratamos tal relação, observando-a sob o olhar da Análise do Discurso de linha francesa, operando com seus conceitos para explicar como funcionam as línguas ao se relacionarem. Nosso objetivo principal é entender como essa relação se constitui como acontecimento discursivo, explorando sua configuração.

As considerações acerca deste conceito, nas ciências humanas, perpassaram a História, a Filosofia e a Lingüística, caracterizando-o como uma verdade, a univocidade entre linguagem, pensamento e mundo, que o fez ser tratado como evento, grande feito, fato.

Na Lingüística, lugar no qual nos determos, podemos fazer um panorama sobre como a noção aparece, fazendo aproximações ou distanciamentos com a que escolhemos. Numa primeira instância, poderíamos compará-lo com o funcionamento da língua pelas relações sintagmáticas e associativas na cadeia da fala<sup>1</sup> e assim teríamos que “colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”<sup>2</sup> e nesse sentido, o funcionamento da língua seria a atualização da fala. Depois, a noção reaparece sob a forma do irrepitível, a enunciação (versus a repetibilidade do enunciado).

Em Benveniste e Ducrot<sup>3</sup>, ela aparece pela relação intrínseca entre língua e sujeito. Em outras palavras, ao enunciar, o indivíduo recorta o real pelo simbólico, enquanto parte dele, e o

---

<sup>1</sup> Tal como proposto no Curso de Lingüística geral.

<sup>2</sup> SAUSSURE, F. 142

<sup>3</sup> Autores os quais nos filiamos para exemplificar a enunciação, no interior dos estudos lingüísticos. Ao falarmos de enunciação, aproximamos os dois nos modos de tratar da linguagem. No entanto, em DUCROT (1984), observamos um outro modo de tratamento desta.

significa construindo sentido, evidenciando um sujeito que se constitui na e pela linguagem; é esse ato que significa o real, temporaliza, subjetiva.

No desenrolar desse paradigma, observa-se em Ducrot, no desenvolver da Semântica Argumentativa, o deslocamento da enunciação de um sujeito essencialmente pragmático, ao menos na análise dos enunciados, reformulando a teoria, afirmando que a enunciação não é o ato de alguém que produz um enunciado, mas o aparecimento de um enunciado. Assim, pela afirmação “A enunciação é o evento histórico do aparecimento de um enunciado”, desvincula-se a enunciação da noção de sujeito como proposta acima, dando lugar a uma noção que traz a história, como temporalidade, na produção dos sentidos na língua. A partir disso, faz-se necessário pontuar:

1) que uma noção de história aparece nos estudos de Ducrot<sup>4</sup>;

2) como se constitui o modo de tratamento do acontecimento (o que se põe como acontecimento lingüístico) quando pensamos em história e linguagem - e por isso, em História e Lingüística e, sobretudo, nas relações em que uma estabelece com a outra, conceitualmente -.

No entanto, ao refletirmos sobre tais modos de analisar a linguagem e a significação na mesma, entendemos que todos os modelos, de certo modo, tratam a significação no interior do sistema, atribuindo a este a tarefa de significar “na e pela língua”. Sendo assim, ou se tem uma noção de sistema fechado em si mesmo que significa em função das relações que se estabelecem no interior dele mesmo - e daí o sentido<sup>5</sup> não existe, pois se privilegia o valor que o signo adquire no sintagma – ou a noção se restringe ao valor que o indivíduo, a partir do momento em que fala se constitui como sujeito, imprime sobre o signo a vontade, o desejo de significar. A significação então seria o valor do signo ou a relação entre o sujeito e a língua. Desse modo, um signo de uma comunidade lingüística quando colocado em associação a um outro de uma comunidade distinta, significaria na medida em que teria um valor lingüístico dado pelo significante - mas não faria sentido, a menos que já fizesse parte do sistema<sup>6</sup> - e não fosse mais um elemento estranho a ele.

A questão que levantamos ao discutir sobre essas posições quanto a significação está justamente no modo como concebemos a significação e o sentido na língua(gem). Contrariamente aos modelos propostos acima, posicionamo-nos em um lugar no qual o sentido e a significação não estão na língua enquanto sistema, mas em um outro lugar. Pois se assim não concebêssemos, não haveria

---

<sup>4</sup>O que se aproxima de uma noção de acontecimento como causalidade, tal como apresentamos mais acima.

<sup>5</sup>No sentido dos pressupostos semânticos, desde uma semântica da enunciação até uma semântica que tem o histórico como responsável pela existência de sentido.

<sup>6</sup>A partir do momento em que o dicionário reproduzisse a língua ou pela tradução do termo no mesmo lugar, no sintagma.

sentido ao ora significarmos em uma língua, ora em outra<sup>7</sup>; o que suscita a necessidade de, novamente, discutir sobre a relação entre a língua e a história.

Ao pensar em linguagem e história podemos fragmentar as duas como disciplinas que têm seus escopos e objetos hermeticamente fechados, bem aos moldes positivistas ou podemos ao invés disso, como preferimos fazer, constituir outras positivities. Desse modo, História e Linguística constituem suas relações por suas materialidades: a língua como materialização do discurso. Conceber a história e a língua como materialidade sócio-histórica é reconhecer que nem uma das duas é autônoma em si mesma. Sendo assim, acontecimento, história e língua se constituem ao mesmo tempo em que a língua é posta em funcionamento. Por isso, quando falamos em acontecimento, fazemos aparecer a história e o sentido, pela memória, na análise da relação entre línguas.

Pêcheux em *O Discurso: estrutura ou acontecimento*<sup>8</sup> propõe três caminhos distintos de análise. O primeiro seria considerar o enunciado<sup>9</sup> como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (um acontecimento, próximo à noção de Foucault), o segundo emerge da questão da análise da estrutura e o terceiro se concentra na tensão entre descrição e interpretação. Ele escolhe por “entrecruzar os três caminhos (...) retocando cada um deles pela efetivação parcial dos outros dois”. Isso aparece como resultado da reflexão sobre o discurso, em meio a discussões no interior da disciplina, sobre como estabelecer um método a partir de três disciplinas com suas especificidades: a Psicanálise, a Linguística e a História; e, a partir daí, operar com o discurso.

Este ao invés de ser descrito como proposto pelo estruturalismo (inserido por Pêcheux no interior das epistêmes que traziam as “coisas-a-saber”) passa a ser interpretado na medida em que o modo de análise, diferente em sua própria constituição, não construía uma gramática do discurso com metodologias, técnicas e determinações que tomam o real através do que ele chama de enunciados logicamente estabilizados. Sendo assim, a Análise do Discurso, ao analisar o discurso como acontecimento, estabelece uma disciplina de entremeios, que pega o movimento da história.

Propondo uma análise fechada, afastar-se-ia o equívoco, a elipse e a falha constitutiva da língua. Ele propõe, em última instância:

A posição de trabalho que aqui evoco em referência à análise de discurso não supõe de forma alguma a possibilidade de algum cálculo dos deslocamentos de filiação e das condições de felicidade ou de infelicidade eventuais. Ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os

---

<sup>7</sup> Retomo aqui alguns modos de tratamento dessa relação. Os “estrangeirismos” (relação natural) como são tratados nos modelos formalistas que são absorvidos pelo ensino de línguas, no qual a tal relação ou é tida como aprendizagem ou mesmo como um instrumento para comunicação, o que colocaria a tal relação como interlíngua.

<sup>8</sup> PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª edição. Ed. Pontes, 2002.

<sup>9</sup> Pêcheux analisa o enunciado “on a gagné”, pronunciado pelos franceses no dia em que François Mitterrand foi eleito à presidência da França, em dez de Maio de 1981.

momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados<sup>10</sup>.

O conceito em questão passa a ser, então, um dispositivo teórico-analítico para analisar discursos. Adquire em Pêcheux um status diferente: o que era para a história tradicional uma noção temporal, factual, determinada pelo empirismo e opacidade da linguagem, adquire nessa outra posição, a condição de descrição/interpretação.

Para nós a questão do acontecimento interessa na medida em que é ele, por sua constitutiva relação com a memória, o que produz sentido, determinando a interpretação. A memória discursiva, enquanto interdiscurso, historicidade que determina o dizer, que está na formulação, no já-dito, institui as relações da língua com a exterioridade, a história e o sujeito. Desse modo, a memória e o interdiscurso estão sempre ligados às questões da linguagem. Estes conceitos nos interessam na medida em que são os responsáveis, juntamente com a língua, pelos gestos de interpretação, pela leitura dos textos.

Pensar na análise como interpretação requer trabalhar a significação, o sentido e pensar na linguagem e na exterioridade dela; na análise de materialidades discursivas. A materialidade do sentido que constitui sentido sobre a relação discurso/ história.

### **Inglês e português uma relação de embate.**

**BRAZILIAN SECRET** A Lingerie modeladora que aumenta seu bumbum!

**Design exclusivo**  
A **Brazilian Secret**® tem recorte anatômico que valoriza as formas.

**Drapeado central**  
Modela e mantém o formato do bumbum.

**Bonita e confortável**  
Feita em microfibra super macia com toque delicado.

**Volume Inteligente**  
Feito em espuma pré-formada e arredondada apenas nas áreas necessárias, aumentando o bumbum de forma natural.

**Laterais reguláveis**  
Adapta e ajusta a **Brazilian Secret**® de forma perfeita: não aperta e não marca!

Você leva as 2 cores:  
• PRETO  
• CHOCOLATE

**Assita ao teste!**  
E comprove a diferença!

A relação entre línguas enquanto acontecimento se faz na medida em que na imbricação entre discurso e história, constitui-se o dizer. Desse modo, temos os enunciados

<sup>10</sup> PÊCHEUX: 2002, 57

(1) Brazilian Secret

(2) A lingerie modeladora que aumenta seu bumbum

estabelecendo relações de sentido entre o Inglês e o Português. O inglês caracterizando o prestígio e a modernidade da calcinha, pelo equívoco, por uma memória de língua franca, da língua do comércio. O português, pela predicação, significa a língua que faz sentido, a língua necessária para atingir o público. As duas aqui ao mesmo tempo em que significam pela materialidade, significam, também, pelo equívoco, pela falha entre o simbólico, o real e o imaginário. Ou seja, o simbólico, pelo equívoco não funciona como a regra, a norma da língua materna, oficial ou nacional, no Brasil. O que funciona é a historicidade que, na formulação, determina o dizer: (1) e (2) significam pelo interdiscurso, pois o inglês é que referencia, pela memória, a tecnologia, a modernidade.

O enunciador entra nessa relação, pela caracterização da propaganda, ao se inserir no mercado, pela modernidade do inglês.

Outras predicações (3) Design exclusivo, (4) drapeado central, (5) bonita e confortável, (6) volume inteligente e laterais reguláveis, trazem a tecnologia também entram nessa relação. O Português aqui faz sentido, pois a calcinha, para ser vendida e se diferenciar de outras precisa apresentar diferença, o avanço tecnológico.

Ao aliar tecnologia e qualidade temos a significação. Desse modo, “Brazilian secret”, em inglês, na nomeação (1) e o português na predicação (2) determinam os falantes dessas línguas, ou seja, a língua inglesa funciona, no acontecimento, trazendo a contemporaneidade e modernidade da língua inglesa, relacionadas às funcionalidades e qualidades do produto, em língua portuguesa. As línguas trazem à tona uma hierarquização delas mesmas e também dos locutores, publicitários e consumidores, que são identificados por esses dizeres. Nele, no acontecimento, a memória de norma do português, a língua do Estado, entra em litígio com a da língua franca, o inglês, na nomeação do produto, que significa também pela semelhança nas formas da língua, recortando as memórias relacionadas à etimologia. Nesse caso, a língua inglesa exclui a portuguesa.

O litígio com o Português, entra numa relação em qualificar um produto que revela o “segredo brasileiro”, pela memória da tradução, significando um “realçar” de um estereótipo da brasileira.

Assim, uma revista<sup>11</sup> que vende produtos contemporâneos exclui o português, pois este não significa a modernidade, identificando esse consumidor como moderno pela mesma modernidade.

Tais relações constituem o acontecimento: o moderno e o tecnológico se imprimem na materialidade do inglês, não significando pela história, e pela relação com o português na predicação. Tecnologia e exclusão do português são significadas pelo inglês. A calcinha não é uma qualquer, é tecnológica, que, no equívoco, revela o segredo da brasileira. Como se a língua da tecnologia pudesse opacificar o preconceito de que a brasileira é “bunda”.

---

<sup>11</sup> Revista “novas Idéias” do grupo *Polishop*.